

## **Aquisição da escrita: estrutura da narrativa em textos de aluno da EJA**

Cristiane Silveira dos SANTOS<sup>1</sup> – IFSUL Campus Pelotas CAVG  
Ana Ruth Moresco MIRANDA<sup>2</sup> - PPGE- FaE/UFPEL

**RESUMO:** Santos (2007) descreveu e analisou longitudinalmente as modificações ocorridas na estrutura narrativa de textos de alunos de EJA submetidos a um processo constante de exercícios de escrita criativa em 2005. Os dados aqui apresentados são de um dos quatro sujeitos pesquisados, que possuía histórico de repetência e evasão escolar aos 20 anos e era estudante noturno de uma escola pública de Pelotas, RS e cursava a 5<sup>a</sup>/6<sup>a</sup> série do ensino fundamental. A análise focalizou a superestrutura dos textos, segundo as categorias de Van Dijk (1978) tais como: complicação, resolução, fato, acontecimento e avaliação.

**RESUMEN:** Santos (2007) describió y analizó longitudinalmente los cambios ocurridos en la estructura narrativa de los textos de alumnos del EJA sometidos a un proceso constante de ejercicios de escrita creativa entre los años de 2005 y 2007. Los datos aquí presentados son de uno de los cuatro sujetos investigados, que poseía histórico de suspensiones múltiples y evasión escolar a los 20 años, estudiaba en la 5/6 series de la enseñanza fundamental y era estudiante nocturno de una escuela pública de Pelotas, RS. El análisis enfatizó la superestructura de los textos, según las categorías de Van Dijk (1978), como: la complicación, la resolución, el acontecimiento y la evaluación.

### **1 Introdução**

De que forma as aulas de Língua Materna poderão contribuir para o desenvolvimento da produção escrita e para o incremento das práticas de leitura dos alunos das escolas públicas brasileiras? Essa pergunta está na origem do trabalho de intervenção e na pesquisa que desenvolvemos com os sujeitos estudados quando éramos professora de L.P desse grupo em 2005.

Podemos dizer que este trabalho surgiu, exatamente, do interesse que tínhamos em investigar os efeitos de uma prática docente baseada em atividades de produção escrita e leitura, além de momentos de explicitação da gramática da língua, sobre as produções escritas de alunos do EJA<sup>3</sup>.

Para o desenvolvimento da pesquisa, partimos de uma hipótese, segundo a qual a prática efetiva de leitura e o trabalho constante com oficinas de escrita criativa<sup>4</sup>, desenvolvidos ao longo do ano letivo, operariam mudanças na qualidade do texto desses alunos, especificamente em relação a três aspectos, ou categorias: diminuição das marcas de oralidade na escrita dos informantes; utilização adequada de mecanismos de coesão referencial; e desenvolvimento da estrutura da narrativa. Nesse trabalho, procederemos um recorte que analisará, apenas, uma de nossas categorias de pesquisa, ou seja, o desenvolvimento da estrutura narrativa de um dos quatro sujeitos pesquisados.

### **2 Campo Empírico**

O local onde foi realizada a pesquisa foi a Escola Municipal de Ensino Fundamental Antônio Ronna, fundada em 30 de abril de 1960 e localizada no bairro de classe popular Vila Princesa, situado na zona norte da cidade de Pelotas, RS. Nela, estudavam naquele ano (2005) 760 alunos distribuídos em três turnos. O trabalho que realizamos com escrita criativa e a coleta de dados se desenvolveu entre os meses de abril a dezembro de 2005, com uma turma de aceleração de estudos (5<sup>a</sup>/6<sup>a</sup> série) do turno noturno do EJA, composta por 18 alunos cujas idades variavam, entre 16 a 55 anos.

---

<sup>1</sup>Email para contato: [kriskabspanhol@gmail.com](mailto:kriskabspanhol@gmail.com)

<sup>2</sup> Orientadora da dissertação: email - [ramil@ufpel.tche.br](mailto:ramil@ufpel.tche.br) [anaruth@vitorramil.com.br](mailto:anaruth@vitorramil.com.br)

<sup>3</sup> Projeto implantado em oito escolas pela Secretaria Municipal de Pelotas, RS, que visava a escolarização de adolescentes e adultos que não conseguiram terminar o ensino fundamental em tempo normal.

<sup>4</sup> Oficinas de produção textual que tinham como principal objetivo fazer com que os alunos escrevessem de uma forma prazerosa e criativa textos narrativos envolvendo situações inesperadas, mágicas ou engraçadas.

É importante salientar que esses alunos, de modo geral, possuíam histórico de evasão escolar e de sucessivas repetências e de que estavam afastados da escola há vários anos.

## 2.1 Sujeitos de Pesquisa

Embora a intervenção tenha sido realizada com a totalidade da turma (18 alunos) escolhemos como sujeitos de pesquisa quatro alunos com idades entre 16 a 33 anos, três deles nascidos em Pelotas, RS, e um proveniente da cidade de Arapiraca, estado de Alagoas. Dos quatro, três eram moradores do bairro Vila Princesa e um do bairro Pestano, um bairro de classe baixa da cidade de Pelotas e distante 4 Km do bairro Vila Princesa.

A escolha dos informantes baseou-se nos seguintes critérios:

1. alunos que demonstraram grande dificuldade com relação à produção escrita e à leitura em sala de aula;
2. respostas dadas às questões 06 e 08 do Questionário 1, referentes aos hábitos de escrita e de leitura dos alunos, aplicado à turma em março de 2005 (todos os quatro sujeitos responderam não serem leitores e apresentarem pouco ou nenhum hábito de escrever);
3. contato estrito dos sujeitos escolhidos, durante a sua curta vida escolar, com aulas de Língua Portuguesa que dessem ênfase à explicitação da Gramática Normativa em sala aula.

Os dados analisados nesse recorte são do Sujeito 2- Éderson.

## 2.2 Sujeito 2 – Éderson

Tinha na época da coleta de dados 20 anos, natural de Pelotas e morava no bairro Pestano, caracterizado como periférico da cidade de Pelotas e tido como um dos mais violentos e pobres da cidade. Para o deslocamento até a escola o sujeito utilizava sua bicicleta e na época estava desempregado. Quando perguntado sobre o tempo em que estava fora da escola e o motivo pelo qual decidiu voltar respondeu no questionário: *4 anos do PEJA. Para ter mais chance de emprego.*

Este informante foi alfabetizado aos 16 anos e como respondeu acima, fazia quatro anos que estava fora da escola. Dizia não ter o hábito de ler ou de escrever porque seus pais eram analfabetos e não havia livros em casa.

## 3 Metodologia

Analisamos nessa pesquisa 51 textos escritos por nossos quatro informantes durante os meses de abril a dezembro de 2005, todos eles produzidos em sala de aula. Éderson produziu 13 textos, contando escrita e reescrita de seis propostas de produção textual.

Os textos acima referidos foram obtidos através da escrita em 1ª versão e de pelo menos uma reescrita obrigatória das oficinas de escrita criativa aplicadas ao grupo. Éderson produziu dois textos em cada uma das cinco oficinas aplicadas e três textos oriundos da oficina B *A Metamorfose*

Os alunos, além de serem expostos a um trabalho semanal de escrita, tinham a oportunidade de ler durante duas aulas semanais, num total cinco períodos totais, textos narrativos na íntegra (crônicas, contos e romances), ao todo Éderson leu 5 livros com média de 50 páginas durante a intervenção.

Desse modo, a questão de pesquisa que norteou a análise dessa categoria em especial foi a seguinte - O que acontece com a estrutura narrativa dos textos produzidos pelos alunos, após os exercícios sistemáticos de escrita criativa e de exposição à leitura de narrativas em sala de aula?

## 4 Suporte teórico

### 4.1 Superestrutura e macroestrutura narrativa

Van Dijk (1978) apresenta três estruturas que constituem os textos, de modo geral, a saber: a micro, a macro e a superestrutura. A microestrutura irá se situar no nível local ou da sentença, já a macro e a superestrutura se relacionarão no nível global, isso quer dizer que essas não definem as relações entre as

orações isoladamente e sim no seu conjunto. A microestrutura possui natureza abstrata e pode ser verbalizada através de uma macroproposição resumitiva do texto, resgatando-o como um todo.

A superestrutura, por sua vez, é chamada por Van Dijk (1978) como a estrutura global que irá caracterizar o tipo específico de texto. A superestrutura seria, então, conforme tal autor, um tipo de forma do texto e a macroestrutura o seu conteúdo. Sendo assim, um mesmo fato pode ser comunicado a partir de diferentes formas textuais, dependendo do contexto comunicativo.

De acordo com esse autor, os diferentes tipos de textos irão se distinguir uns dos outros por possuírem tipos diferentes de funções comunicativas, como por possuírem diferentes tipos de construção. Van Dijk (op.cit.) irá comparar a superestrutura como se essa fosse um tipo de esquema, ao qual o texto vai se adaptar – o conteúdo (macroestrutura) será organizado dependendo das categorias de cada superestrutura, que imporá certos limites ao conteúdo do texto, de modo que este, em relação à superestrutura, irá se organizar em categorias diferenciadas dependendo do seu tipo.

Isso quer dizer que textos narrativos possuem forma diferente de textos dissertativos porque suas superestruturas possuirão categorias diversas. Cada categoria, então, se constituirá num fragmento que possui relação com outra categoria e, juntas, formarão o texto. Van Dijk (op.cit.) diz que a característica fundamental do texto narrativo concentra-se nas ações dos personagens e subordinadas a elas, outros aspectos do texto, tais como as descrições, sejam de circunstâncias, de objetos, de lugares e mesmo dos próprios personagens.

Além disso, outra característica de ordem pragmática deve ser levada em consideração - o evento narrado deve levar em consideração um critério de interesse, ou seja, somente contamos uma história que possui ligado a ela algum fator especial, seja um acontecimento inesperado a espera de um desenlace.

Sendo assim, para o autor, a primeira categoria de superestrutura para os textos narrativos relaciona-se a esse critério é a *complicação* e seu conteúdo consiste na descrição de um determinado evento interessante ou de importância, que com frequência instituirá impedimentos entre o personagem dos eventos narrados e suas intenções. Esses eventos podem não ter nada a ver com a participação de outros personagens (tempestades, terremotos, etc.), ou podem ter relação com um antagonista personificado num personagem individual ou coletivo.

É importante ressaltar que tais eventos sempre terão uma relação posterior na narrativa e tal reação tende a possuir um caráter de desenlace da complicação, gerando outra categoria que é a *resolução* essa pode ser positiva ou negativa, já que a reação diante do fato anteriormente narrado pode ter sido de êxito ou de fracasso, podendo a narrativa acabar bem ou mal.

Essas duas categorias - *complicação* e *resolução* irão constituir o núcleo do texto narrativo e ligadas formam o que Van Dijk (1978) denomina de *fato* ou *acontecimento*, que ocorre sempre num local e tempo determinados, respeitando circunstâncias específicas que constituem a categoria *marco*. Existe, ainda, a categoria *avaliação* em que o narrador do texto não somente narra os fatos ocorridos, como também expressa sua opinião sobre o que foi narrado.

Todorov (1973) explica que em uma narrativa ideal, (no sentido de narrativa tradicional) existe sempre uma *mudança de estados*, ou seja, começa por uma situação estável, que uma força contrária irá perturbar, disso resultando uma situação de desequilíbrio. Pela ação de uma força dirigida em sentido oposto, o equilíbrio se restabelecerá, mas ele nunca será igual ao primeiro. É essa característica, a transformação de estados que está presente em qualquer texto narrativo a que se costuma chamar de *narratividade* e que vem a constituir um dos níveis de estruturação do sentido do texto.

Adam (1987) depois de analisar mais profundamente as narrativas produzidas chegou até os chamados componentes indispensáveis a esse tipo de texto (macroestrutura ou conteúdo), que são pelo menos seis necessários:

- a) um personagem constante (P) (ao menos um, coletivo ou individual);
- b) predicados X e X' que são definidores de P (predicados qualificativos de *ser* ou funcionais de *fazer*, em um tempo  $t_n$  e  $t_{n+}$ );
- c) uma sucessão de tempo mínima depreendida entre o início e o final da narrativa ( $t_n-t_{n+}$ );
- d) uma transformação percebida dos predicados X e X' pelo ou ao longo do processo;
- e) uma lógica singular, na qual o que vem depois aparece causado por;
- f) um fim-finalidade sob forma de moral, com avaliação explícita ou a derivar.

Gotlib (1987) conceitua narrativa como sendo um discurso integrado numa sucessividade de acontecimentos, que são de interesse humano dentro de uma unidade de ação.

Garcia (1982) diz que a matéria da narração é o fato e que tal como o objeto (matéria de descrição) esse tem igualmente um sentido bastante amplo. Isso porque a narração de um episódio, seja ele real ou fictício, irá implicar na interferência de todos ou de alguns dos seguintes elementos:

- O quê: o fato, a ação (enredo);
- Quem: personagens (protagonista(s) e antagonista(s));
- Como: o modo com se desenrola o fato ou a ação;
- Quando: a época, o momento em que ocorreu o fato;
- Onde: o lugar da ocorrência
- Porquê: a causa, razão ou motivo;
- Por isso: resultado ou consequência. (1982, p.240)

Nesse tipo de texto, os episódios e os relatos vão sendo organizados de forma tal que sua disposição mantenha relação de anterioridade e posterioridade entre os fatos narrados. Essa relação de anterioridade ou posterioridade é sempre importante no texto narrativo, mesmo que ela venha alterada na sua sequência linear por alguma razão.

Esse autor explica, ainda, que a narração se difere do relato exatamente quanto à definição da apresentação de informações. Garcia (op.cit.) explica que característica do relato é a de meramente informar e para cumprir tal função, o relato irá fazer uma apresentação ou enumeração de algumas informações básicas sobre um determinado acontecimento (ou estado de espírito) e sua preocupação é somente a de registrar os fatos, excluindo-se, muitas vezes, maiores detalhes ou mesmo explicações sobre as causas e as consequências da situação relatada. Nele, encontramos o germen da narrativa, mas este ainda não está desenvolvido. Comenta que muitos escritores iniciantes, principalmente em trabalhos escolares, tendem a confundir o relato com a narrativa.

Garcia (1982) diz que a estrutura das narrativas tradicionais faz parte de um tipo de categoria de narrativas que dão ênfase para o enredo, onde um conjunto de fatos se encadeia, juntamente com incidentes ou episódios em que as personagens se envolvem, num determinado espaço de tempo e ambiente, sendo motivados por conflitos de interesse ou sentimentos apaixonados.

As narrativas permaneceram nesses moldes até o fim do século XIX e a primeira década do XX, quando escrever contos, novelas ou romances era sinônimo de *contar* uma “estória” interessante. Nela, os incidentes se encadeariam de forma lógica e consequente, seguindo assim, com rigor até o final. O enredo era a substância mesma do gênero ficcional, tudo ou quase tudo, a categoria do texto de ficção por excelência.

Para o trabalho com produção textual em sala de aula optamos por trabalhar com a *forma clássica de estruturação das narrativas*, visto que embora os sujeitos de pesquisa fossem iniciantes no ato de ler e escrever narrativas, esses possuíam um conhecimento mínimo necessário sobre a forma tradicional de narrar, a partir de sua experiência de oralidade e também, midiática (filmes,TV...)

Passemos a analisar a estrutura narrativa dos textos do Sujeito 2 – Éderson

## 5 Descrição e análise dos dados

O Quadro 1, a seguir, apresenta os dados gerais referentes às estruturas dos textos do Sujeito 2 – Éderson analisados nessa categoria.

### Quadro 1: Incidência de apresentação da estrutura narrativa nos textos dos sujeitos

Sujeito	Textos produzidos	ETAPA 1	ETAPA 2	ETAPA 3	Percentual de ocorrência de estrutura narrativa
		(abril-maio-junho)	(agosto-setembro)	(outubro-novembro-dezembro)	
		Textos em forma de relato	Textos <u>sem algum dos</u> elementos citados de	Textos <u>com</u> estrutura narrativa	

			Adam		
Sujeito 2-Éderson	13	04	04	05	38%

O Quadro 1 indica que o Sujeito 2 – Éderson durante o processo de intervenção com escrita criativa e leitura percorreu todas as instâncias de produção de textos narrativos durante o ano letivo de 2005, atingindo ao final do período pesquisado a estrutura básica da narrativa clássica praticada em sala de aula.

A seguir apresentaremos os textos desse sujeito representativos de cada uma das etapas acima referidas.

Como já referimos anteriormente, dos 13 textos produzidos por Éderson, 08 não apresentaram uma macroestrutura narrativa: 04 são relatos (as duas versões da oficina A e B) 04 não apresentam todos os elementos que Adam (1987) (1992) indica como sendo necessários para a apreensão de uma estrutura narrativa (3ª versão da oficina B, as duas versões da oficina C e 2ª versão da oficina D).

Os demais textos (05 textos) apresentam os itens necessários para que possam ser considerados textos narrativos de fato. Começaremos nossa análise a partir da 3ª versão da oficina B por entendermos que nessa fase do processo, Éderson já tivesse uma ideia do que fosse uma estrutura narrativa, embora ainda não a produzisse de modo adequado.

### **Metamorfose<sup>5</sup>**

*“Me transformei num grande jacaré e pensei co e se frio tenho que nadar nas águas geladas dos rios . Eu tenho que casar a minha própria comida.*

*E Meu pai ficou Me procurando o dia inteiro e não me viu no rio e eu falei pai estou aqui.*

*Ele sai do rio e eu falei pai esse bicho que esta berto de você sou eu*

*Ele não deu bola para aquele bicho e eu tava louco para poder voutar o normal.*

*Finalmente consegui voltar o normal era só um sonho e eu fiquei bem alegre quando eu me acordei.”*

Como podemos verificar a partir dos itens levantados por Adam (op.cit.) a 3ª versão da oficina B não apresenta um *fim-finalidade sob a forma de moral e que possua uma avaliação explícita ou que possamos derivar*. Voltando ao texto escrito por esse informante percebemos que nele há complicação, expressa pela seguinte parte:

*“E Meu pai ficou Me procurando o dia inteiro e não me viu no rio e eu falei pai estou aqui.*

*Ele sai do rio e eu falei pai esse bicho que esta berto de você sou eu*

*Ele não deu bola para aquele bicho e eu tava louco para poder voutar o normal.”*

E que essa se encaminha para uma resolução:

*“Finalmente consegui voltar o normal era só um sonho e eu fiquei bem alegre quando eu me acordei.”*

Juntas, elas formam o *acontecimento* para Van Dijk (1978). Segundo esse autor, inclusive, o texto analisado possui a categoria *avaliação* em que o narrador não somente narra os fatos ocorridos, como também expressa sua opinião sobre o que foi narrado. Temos, portanto, a avaliação por parte do narrador na parte em negrito da citação a seguir:

*“Finalmente consegui voltar o normal era só um sonho e eu fiquei bem alegre quando eu me acordei.”*

<sup>5</sup> Os textos foram transcritos tais como Éderson os escreveu.

Mesmo possuindo todas as categorias que Van Dijk (op.cit.) refere no suporte teórico desse trabalho, ainda assim, essas não parecem ser suficientes para dar conta do motivo de não termos conseguido identificar o último item apresentado por Adam (1987) no texto de Éderson e explicá-lo.

Buscamos, então, em Todorov (1973) a provável explicação para nossa indagação e esse autor explica que uma narrativa ideal começa por uma situação estável, que uma força contrária irá perturbar, disso resultando uma situação de desequilíbrio. Pela ação de uma força dirigida em sentido oposto, o equilíbrio se restabelecerá, *mas ele nunca será igual ao primeiro*.

Voltando ao texto de Éderson verificamos que embora exista uma mudança de estados nesse texto, quando o equilíbrio é retomado o narrador-protagonista não parece ter sido modificado em sua essência por essas alterações. Ele sofre uma metamorfose, passa por situações difíceis, mas, ao voltar ao estado normal não há, de sua parte, uma reflexão acerca daquilo que vivenciou. Isso faz com que o equilíbrio inicial seja igual ao equilíbrio retomado, o que fere a narratividade desse texto. Em função disso, não conseguimos extrair um fim-finalidade dessa narrativa.

No entanto, se pensarmos nos primeiros quatro textos produzidos por ele, veremos que conseguiu, já nesse ponto do processo desenvolvido em sala de aula, transcender o relato<sup>6</sup>, passando a dar seus primeiros passos em direção à produção de textos narrativos.

A partir da 1ª versão da oficina C iniciamos nosso trabalho com as aulas de leitura sistematizadas em sala de aula. Dessa forma, o problema ocorrido na 3ª versão da oficina C volta a se repetir nas duas versões produzidas por ele da oficina C *Eu sou...*, uma vez que verificamos não haver a presença do item e proposto por Adam (1987) (1992), nas duas versões citadas, ou seja, não há presença de um fim-finalidade sob forma de moral, com avaliação explícita ou a derivar como bem poderemos perceber a seguir.

Na 1ª versão temos:

#### **A bola**

*“Um dia eu acordei e me senti estranho porque eu era uma bola de futebol . E depois fui direto*

*para um campo de futebol e começaram a me chutar.*

*E os jogadores estavam me chutando para la e para ca e ai quando chegou perto do gol eu fui para no angulo sem chance para a goleira me defender.*

*Eu achei muito legal ir parar no angulo do gol e me senti como se tivesse varando bem alto.*

*Mas a alegria a cabou seto porque eu estava so sonhando mais foi muito legal me senti virando no angulo do gol.”*

Solicitamos ao informante 2 que reescrevesse a 1ª versão em virtude de várias modificações a serem realizadas nesse texto, já descritas e analisadas nas categorias anteriores e também porque entendíamos que faltava ao texto uma melhor finalização à história. Explicitando isso ao informante 2 esperávamos que ele assim procedesse. No entanto, ao recebermos a reescrita dessa oficina verificamos que nada havia se modificado.

#### **A bola**

*“Um dia acordei e me senti estranho porque eu era uma bola de futebol.*

*E depois fui direto para um campo de futebol e começaram a me chutar.*

*E os jogadores estavam me chutando para la e para ca e ai quando chegou perto do gol eu fui para no angulo sem chance para o goleiro me defender.*

*Acabou que eu achei muito legal ir parar no angulo do gol e me senti como se tivesse vuado bem alto.”*

Poderíamos ter solicitado a Éderson que procedesse a escrita de uma 3ª versão desse trabalho, mas como verificamos que ele demonstrava um aumento de interesse em relação à escrita e também, em relação às sessões de leitura (em que a todo momento solicitava explicações sobre o que estava lendo), que entendemos ser mais proveitoso para o desenvolvimento do processo de sua escrita, se ele escrevesse algo novo.

---

<sup>6</sup> Os relatos são microtextos elaborados pelo sujeito e referem situações cotidianas banais. Não foram incluídos no corpus dessa pesquisa.

Sendo assim, antes de aplicarmos a oficina *D Recontando os Clássicos* ao nosso grupo de alunos fizemos a leitura da história clássica de *Chapeuzinho Vermelho* visto que muitos, entre eles o próprio Éderson, não a conheciam. A 1ª versão da oficina D foi escrita da seguinte forma:

### ***O lobo bonzinho***

*“Era uma vez um lobo que era bom e foi na casa da vovó levar os docinhos para a vovozinha e ela recebeu ele bem. e depois chegou a chapeuzinho vermelho e viu o lobo dando os docinhos para a vovozinha.*

*E ela ficou muito contente com os docinhos do lobo.*

*A chapeuzinho fala lobo você está muito bonzinho e o lobo disse eu estou fazendo o bem para a vovo.*

*E a chapeuzinho foi conbrimentar o lobo.*

*E o lobo foi embora feliz por der feito o bem para a vovozinha.”*

Este é o primeiro texto produzido por Éderson no qual podemos observar todos os itens propostos por Adam. No entanto, não pudemos detectar as categorias *complicação* e *resolução* referidas por Van Dijk (1978), nem as *mudanças de estado*, mencionado por Todorov (1973). Faz-se necessário compreender, contudo, que dentro de sua experiência como escritor e leitor Éderson ainda está muito longe de uma performance considerada ideal para um produtor de textos. Sendo assim, podemos dizer que ele, nesse ponto do processo de escrita e leitura em que se encontrava já parecia possuir a noção do que fosse uma narrativa, embora ainda não conseguisse agrupar em seus textos todos os elementos necessários para que se configurasse como tal. Por esse motivo e por outros já enumerados anteriormente, pedimos para Éderson que reescrevesse o texto produzido.

A proposta da 2ª versão incluía uma dificuldade nova, que era a de introduzir na narrativa, as falas dos personagens (nesse momento trabalhávamos discurso direto e indireto com o grupo). Éderson nos apresentou o seguinte texto produzido:

### ***O lobo bonzinho***

*“Era uma vez uma menina chamada chapeuzinho Vermelho, carregafa uma cesta de frutas para a vovó que estava mal.*

*O lobo chegou na chapeuzinho e perguntou:*

*Ondi é que tu vai?*

*Eu vou levar as frutinhas pra vovó*

*A chapeuzinho disse que ele era um lobo bonzinho, ele não era istrupador, é meu amigo. A bom, disse a vó dela.”*

Dos cinco itens propostos por Adam (1987) (1992) encontramos apenas o item **a**, que é a presença de um personagem (P) constante. A princípio, não entendemos o motivo pelo qual Éderson apresentou um texto inferior aquele da 1ª versão. Depois de lermos em voz alta a 1ª e depois a 2ª versão dos textos para o informante, anotamos em nosso Diário de Campo a conversa que tivemos com ele. As nossas falas estão em itálico e as do informante em negrito:

### **Julho de 2005**

*\_ O segundo texto está muito menos desenvolvido que o primeiro!*

**\_ A senhora não gostou?**

*\_ Sinceramente esperava mais desse segundo.*

**\_ É que fiquei preocupado com o discurso...**

*\_ Como assim?*

**\_ Era muita coisa pra fazer junto, sora, ou fazia as fala ou a história.**

Nesse momento, percebemos que na ânsia de auxiliarmos o informante a aprimorar seus textos acabamos por travar, momentaneamente, o seu processo de produção textual de narrativas. Em função dessa constatação, retomamos com o grupo, durante dois dias de aula, a produção de diálogos, fazendo exercícios pontuais sobre o assunto (discurso direto /indireto), visto que outros alunos também apresentaram dificuldade em transpor para os textos o assunto trabalhado.

Os quatro textos produzidos por Éderson a partir das oficinas E e F apresentaram todos os itens propostos por Adam (op.cit.) para que se pudesse depreender uma macroestrutura narrativa, além das categorias de Van Dijk (op.cit.) *complicação*, *resolução* e *acontecimento*, embora não se observasse, ainda, uma *avaliação* da história narrada. Localizamos, ainda, nessas quatro versões das oficinas E e F as premissas de Todorov (op.cit.)

Como exemplo do que foi dito acima gostaríamos de apresentar a 2ª versão do texto escrito pelo informante da oficina E *O Mate do João Cardoso ficou frio!* a seguir:

### **O Lobisomem**

*“Um dia eu vim pela floresta e encontrei o João Cardoso e contei um acontecimento para ele.*

*Era uma vez um lobisomem feio, que vivia na floresta e ele era muito ferós e brabo mas de dia ele era um homem normau.*

*Quando chegava a noite ele se transformava num ferós lobisomem.*

*E o lobisomem ficava escondido atrás das arvores da floresta para matar as pessoas que passavam por aquele lugar.*

*Mas uma noite chegou um homem e viu o lobisomem atrás da arvore e ficou olhando para aquele bicho feioso e o lobisomem foi atacar o homem e eles começaram a brigar.*

*Eles tavam brigando quando o homem conseguiu tira a arma da sintura e tisparou um tiro e a sertou bem no peito do lobisomem.*

*No outro dia o homem nunca mais viu o lobisomem pela floresta porque ele morreu e as pessoas ficaram feliz pelo o homem ter matado o ferós monstro.”*

Pela análise dos itens propostos por Adam (op.cit.) e aplicados ao texto narrativo de Éderson podemos verificar que todos eles estão contemplados na 2ª versão da oficina E *O Mate do João Cardoso ficou frio!* além das categorias de Van Dijk (op.cit.) e de Todorov (op.cit.). Desse modo, podemos depreender uma estrutura narrativa nesse texto.

Outros elementos constantes nesse texto indicam a presença de elementos textuais encontrados em narrativas tradicionais, tais como a utilização do “Era uma vez” em ***Era uma vez um lobisomem feio*** (..), além do ***as pessoas ficaram feliz pelo o homem ter matado o ferós monstro*** (..) que nos lembra o “E forma felizes para sempre” dos desfechos das narrativas tradicionais.

## **6 Conclusão**

A descrição e análise dos textos do Sujeito 2 – Éderson nos fizeram chegar às seguintes conclusões acerca da aquisição da estrutura narrativa de alunos expostos a um trabalho docente voltado para a produção textual e para a leitura em sala de aula de língua materna:

- os textos que não apresentaram estrutura narrativa foram aqueles oriundos das oficinas A, B e C primordialmente, e das versões da oficina D, em menor número. Isso significa que os textos iniciais dos nossos informantes podem ser considerados como “ensaios”, no sentido de que esses serviram para que os sujeitos comessem a compreender as características principais dos textos narrativos e de suas especificidades;
- não foram encontrados textos que tivessem problemas na sua estrutura narrativa na parte final do processo em foco nesse estudo (oficinas E e F).
- existe uma relação estreita entre a superestrutura e macroestrutura narrativa dos textos analisados, pois verificamos que a partir do momento em que os sujeitos passam a ter mais domínio de elementos que compõem a macroestrutura narrativa, eles passam a resolver problemas relacionados à superestrutura. (especificamente em relação às diferenças entre relato e narrativa).

As considerações acima expostas indicam o fato de quanto é lento, gradual e trabalhoso o processo que envolve a leitura e a escrita em sala de aula, o que vem reafirmar as ideias de Citelli (2001) e Jolibert e colaboradores (1994) presentes no suporte teórico, que afirmam ser importante o professor eleger um gênero textual por vez e trabalhá-lo exaustivamente até que os alunos internalizem suas especificidades de forma efetiva.

A partir dos dados analisados verificamos que uma prática cotidiana de escrita em sala de aula, que vise trabalhar um gênero textual específico, pode fazer com que os alunos se apropriem das especificidades do gênero em questão. No entanto, tais exercícios necessitam buscar o aprimoramento tanto da superestrutura desejada (narrativa, descritiva, dissertativa, etc.), como também dos aspectos linguísticos envolvidos no processo de escritura. O domínio da língua escrita faz-se então, ferramenta essencial, para que os alunos desenvolvam o trabalho de “forjamento” e aprimoramento do texto a ser produzido no âmbito escolar, já que na maioria das vezes, esse é o único espaço de contato que possuem com a experiência de leitura e a escrita de fato.

### Referências bibliográficas

ADAM, Jean-Michel. **Types de séquences textuelles élémentaires**. Pratiques, Metz, n.56, p.54-79, 1987

\_\_\_\_\_. Jean-Michel. **Les textes: types et prototypes**. Paris: Nathan, 1992

BORDINI, Maria da Glória, AGUIAR, Vera Teixeira. **LITERATURA – A FORMAÇÃO DO LEITOR – Alternativas Metodológicas**. Série Novas Perspectivas 27, Porto Alegre: 2ª edição, 1993

BRASIL, Luiz Antônio de Assis. **Invenção e Construção Literária: O Eterno debate**. Leitura no Brasil. São Paulo: Editora Ática, 1991

CITELLI, Beatriz. **Produção e Leitura de Textos no Ensino Fundamental – poema, narrativa e argumentação**. Aprender e Ensinar com textos, volume 7, São Paulo: Cortez Editora, 2001.

GARCIA, M. Othon. **Comunicação em prosa moderna**. FGV Editora. Rio de Janeiro, 12ª edição. 1982

GELB, I.J. **A study of writing**. Ed.rev.Chicago, The University of Chicago Press, 1962

GOTLIB, Nádia Battella. **Teoria do Conto**. São Paulo: Ática, 3ª edição, 1987.

JOLIBERT, Josette e colaboradores. **Formando Crianças Produtoras de Textos**. Volume 3, Porto Alegre: Artes Médicas 1994.

KLEIMAN, Angela B. **O impacto da leitura para o aprendiz adulto**. Pátio revista pedagógica, ano IX, nº 33. Porto Alegre: ARTMED, p.14-17, fevereiro/abril de 2005.

PERRONE-MOISÉS, Leila. **O novo romance francês**. Coleção Buriti, São Paulo: DESA, 1966.

POLTI, Georges. **The Thirty-six dramatic situations**. Tradução de Lucille Ray. Boston, The Writer Inc, 1948.

PROPP, Vladimir. **Morphology of the folktale**, trad. Indiana University, Research Center of Anthropology, 1958.

ROBBE-GRILLET, Alain. **Pour un nouveau roman**. Les Éditions de Minuit, Paris: 1963.

TODOROV, Tzvetan. **Estruturalismo e Poética**. São Paulo: Cultrix, 4ª edição, 1973.

\_\_\_\_\_. T. **Recherches sémantiques**. Langages, nº 1. (s/d)

VAN DIJK, Talmy. **La ciencia del texto: un enfoque interdisciplinario**. Barcelona/ Buenos Aires: Ediciones Paidós, 1978.

VAN DIJK, Teun A. e KINTSCH, W. **Strategies in Discourse Comprhension**. New York: Academic Press, 1983.